

**A CATACRESE:
ABORDAGEM E CONTEXTUALIZAÇÃO
NO COTIDIANO**

Wagner Azevedo Pereira (UERJ)
musicaevida90@gmail.com

Flávio de Aguiar Barbosa (UERJ)
flavio.a.barbosa@uol.com.br

RESUMO

Na comunicação, há variados fenômenos léxico-semânticos que afetam o repertório vocabular das línguas. Uma delas é a catacrese, processo metafórico utilizado para palavras e/ou expressões populares, correspondentes ou não a outras, de registro formal. Muitas dessas criações vocabulares informais são amplamente utilizadas por serem mais cômodas e acessíveis para a maioria dos falantes. Esse processo linguístico trouxe preocupações de vários filólogos, como Antônio Houaiss, que defendia a necessidade de se cultivar também o repertório vocabular mais culto, o que aumentaria as possibilidades de expressão e fluência pauciloqua do usuário da língua. O presente trabalho tem como objetivo analisar o processo da evolução da catacrese na língua portuguesa e a importância dessa figura de linguagem presente nos discursos produzidos no cotidiano. Nossa pesquisa basear-se-á em um *corpus* jornalístico para abordagens lexicais, com vistas à proposta de ampliar o nosso vocabulário.

Palavras-chave: Catacrese. Metáfora. Estudos lexicais.

1. Introdução

Este projeto pretende analisar o processo da evolução e a importância da catacrese, além de fazer uma abordagem lexical de

sua correspondência no vocabulário culto da língua portuguesa. Com base em estudos de variados teóricos, como o do George Lakoff e Mark Johnson (2002) mostraremos a importância dessa figura de linguagem presente no dia a dia. Considerando a vasta amplitude de abordagens possíveis da relação da retórica com os diversos campos da linguagem e da comunicação, contemplaremos a investigação dos discursos produzidos no cotidiano.

Pretendemos fazer uma pesquisa sobre a catacrese, que é a aplicação de um termo por esquecimento etimológico, desconhecimento (“a pinça do caranguejo”/“o preênsil do caranguejo”; “secar ao fogo”/“ustular ao fogo”; “literatura oral”/“poranduba”; “a tromba do elefante”/“a probóscide”; “o cálice da flor”/“o utrículo” etc.) ou por falta de termo próprio (“embarcar” num trem; “perna da cadeira”) Bechara, 2006].

A catacrese é uma palavra de origem grega *katákhresis, eós*, com o significado de “abuso”. É uma metáfora especial (mesmo que *abusão*), porque a relação subjetiva em que se baseia é imprecisa: um termo ou locução é usado por esquecimento etimológico, desconhecimento (“a pinça do caranguejo”/“o preênsil do caranguejo”; “secar ao fogo”/“ustular ao fogo”; “literatura oral”/“poranduba”; “a tromba do elefante”/“a probóscide”; “o cálice da flor”/“o utrículo” etc.) ou por falta de termo próprio (“embarcar” num trem; “perna da cadeira”) (BECHARA, 2006).

2. A catacrese e a metáfora

A catacrese é uma espécie de metáfora e, na perspectiva retórica, a noção mais antiga que se tem da metáfora está em Aristóteles (século IV a. C.). Na Arte Poética, ele define a metáfora como o uso do nome de uma coisa para designar outra, ou seja, uma substituição: “A transposição do nome de uma coisa para outra, transposição do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, por via de analogia” (ARISTÓTELES, *Poética*, III, IV, 7, p. 182).

Outros autores que têm trabalhos importantes sobre a metáfora nessa perspectiva são: Giambattista Vico; Chaïm Perelman; Armando Plebe e Pietro Emanuele.

Com o passar do tempo, a categoria inicial definida por Aristóteles foi sendo desmembrada e refinada em muitas outras “figuras de linguagem” e foi possivelmente na Renascença que a classificação delas se incrementou em conformidade e adequação com a tendência da época (marcada por significativa efervescência cultural), de classificar o mundo em categorias.

As classificações das figuras de linguagem foram várias e o número delas chegou a 184, como consta em *The Garden of Eloquence*, de Harry Peacham (1577/1593/1954) que foi publicado na Inglaterra, no século XVI.

Na perspectiva do uso, alguns autores que observam a metáfora nos usos cotidianos são George Lakoff e Mark Johnson (2002), Citelli (2004); Lopes (1986) e Berber Sardinha (2007).

Podemos perceber que a linguagem do dia a dia muitas vezes só faz sentido com a catacrese e isso é reforçado com a análise que Lakoff e Johnson fizeram com relação aos enunciados da linguagem cotidiana. Eles dizem que nossa linguagem revela um imenso sistema conceptual metafórico, que rege também nosso pensamento e nossa ação. No primeiro capítulo de *Metáforas do Cotidiano* (livro de grande relevância sobre a metáfora), comentam que nossa vida cotidiana está imersa na linguagem metafórica e, sem termos muita consciência disso, compreendemos e experienciamos uma coisa em termos de outra (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p. 48). Em suma, o que se percebe por essa exposição é a ampliação dos estudos da metáfora utilizada no nosso dia a dia.

Na língua corrente, surge um grande número de catacreses que, em geral, são clichês metafóricos. Segundo sistematização de Ribeiro (2003, p. 348), alguns dos domínios semânticos das catacreses são:

- a) partes do corpo: boca do túnel, cabelo de milho, língua de fogo (labareda), barriga da perna, costa(s) da Bahia, miolo do problema, braço do rio...
- b) elementos da vida cotidiana: espelho da alma (olhos), berço da nacionalidade, laços matrimoniais...
- c) animais: esta senhora é uma jararaca; ele é uma águia, uma besta, um cão...
- d) vegetais: raízes da nacionalidade, maçã do rosto, pomo da discórdia, ramo das ciências...
- e) fenômenos físicos, estações do ano, elementos geográficos: montanha de papéis, tempestade de injúrias, primavera da vida...

Se por um lado a utilização da catacrese traz um enriquecimento metafórico na comunicação das pessoas, por outro, ela reduz a utilização de vocábulos formais do idioma, fazendo, inclusive, com que alguns sejam até esquecidos. Essa repetição e consequentemente a redução do vocabulário utilizado pelos brasileiros trouxe preocupações a alguns filólogos e Antônio Houaiss (1915-1999) a explicou nesse trecho de uma reportagem, na revista *Prodoctor*:

Sétimo idioma mais fala do no mundo, o português continua sendo um insondável mistério para a maioria absoluta de seus usuários. Os números comprovam: o brasileiro utiliza, em média, bem menos de 1% das cerca de 270 mil palavras existentes na língua. A estimativa é do filólogo Antônio Houaiss, que constata com tristeza o empobrecimento da linguagem ao longo dos anos.

Segundo ele, as novas gerações têm demonstrado uma dificuldade cada vez maior para articular o pensamento, pois não conseguem exprimir o que pensam. Opinião semelhante à do gramático Napoleão Mendes de Almeida, para quem o uso da linguagem coloquial incentiva a preguiça. Outro especialista, o professor de filologia e língua portuguesa da USP, Dino Pretti, atua em outra linha. Para ele, o falante culto não é aquele que domina perfeitamente todas as regras gramaticais, mas sim aquele que consegue adaptar o seu nível de linguagem de acordo com seu interlocutor, mesmo que isso resulte em agressões ocasionais ao vernáculo. (HOUAISS, 1995 *apud* RIBEIRO, 2003, p. 378-379).

3. *As perspectivas de estudo*

Utilizaremos dois agrupamentos de exemplos nessa pesquisa:

- a) exemplos literários;
- b) exemplos do *corpus* jornalístico de Cartas de Leitores de dois jornais do Rio de Janeiro: *O Dia* e *Extra*.

A fundamentação do trabalho, além de ser investigada e desenvolvida à luz das teorias da metáfora e apresentada pela linguística de *corpus*, pretende fazer uma amostra comparativa lexicográfica estabelecendo correspondências entre as palavras e expressões da catacrese com palavras e expressões cultas da língua.

É importante destacar que todo nativo conhece sua língua. Embora os utentes conheçam um número reduzido de vocábulos, todos conseguem comunicar-se perfeitamente. Portanto, esse trabalho sobre a catacrese tem o objetivo principal de fazer uma investigação sobre a correspondência entre as palavras formais e informais, constituindo uma fonte de referência para os falantes interessados em ampliar ainda mais suas possibilidades de expressão.

4. *Os corpora para o desenvolvimento da pesquisa*

Apresentaremos a seguir alguns exemplos de CATACRESE:

Na literatura, Castro Alves (no poema “Pedro Ivo”) nos apresenta:

A morte voa rugindo
Da **garganta** do canhão

Em *garganta do canhão*, o substantivo feminino *garganta*, de origem desconhecida, que pertence à anatomia humana, significando “a parte anterior do pescoço, por onde os alimentos passam da boca para o estômago” substitui o “*tubo*” do canhão. É, portanto, uma catacrese.

Bátegas de brasas, turbilhões de sóis (Junqueiro)

O substantivo feminino *bátega* entrou no português pelo hindu significando “bacia metálica”; ex.: “*bátega* de prata”. Por metonímia, passou a significar o conteúdo dessa bacia e, por analogia metonímica, passou a “pancada de chuva”; “pé d’água”, “aguaceiro” (HOUAISS, 2009).

– Irovi está me ouvindo e parou no remanso para escutar minha **poranduba**”. (Cavalcanti Proença, M. *Manuscrito Holandês*, 1959, p. 251).

O substantivo feminino *Poranduba*, de origem tupi *pora’nduwa*, “notícia, pergunta” (*poro*, “gente”; *endu[ba]*, “ouvir, sentir, perceber”), está registrado em dicionários brasileiros e significa “história, narrativa oral” entre os índios do Brasil; “conjunto de histórias que passam de geração a geração, sobre a origem da tribo, seus efeitos e atos de heroísmo”; “história, narrativa indígena” (Antônio Geraldo da Cunha, 1998). Em japonês chama-se “*kôdan*”.

No *corpus* jornalístico da pesquisa (cartas de leitores dos jornais do Rio de Janeiro *O Dia* e *Extra*), foram encontradas as seguintes ocorrências:

Brasil sofre com antigos vícios ruins na política

Eis o retrato do Brasil político. A continuar pelos conchavos, a falsidade ideológica **embarcando** junto e chegando rapidamente às promessas falsas. No meio do caminho, esbarramos com a aprovação de projetos que não trazem benefício e são votados às escuras.

Heitor Carlos Ramos Alves – Vila Isabel. (Carta de Leitores Conexão
Leitor do Eduardo Pierre, do jornal *O Dia*. Domingo, 15-06-2014).

Nessa carta encontramos a palavra “embarcando” que já se tornou caso clássico de catacrese. Trata-se uma palavra criada pelo processo derivacional que envolve a simultaneidade de afixos (prefixo *en-* e mais o sufixo *-ar*) chamada *parassíntese*: *en-* + *barco* + *-ar*. Essa palavra, verbo transitivo indireto, intransitivo e pronominal, surgiu para designar quem embarcava (entrava) num barco. O barco foi o primeiro meio de transporte da humanidade. A sociedade foi evoluindo e com ela também os meios de transpor-

tes, como o ônibus, o trem, o avião... Acontece que não ocorreu o mesmo processo de criação com as palavras que servisse para significar entrar nestes veículos. Com isso, pelo fato de não haver uma palavra apropriada para ser utilizada, todos os falantes de português passaram a usar essa palavra “embarcar” (transitivo indireto) para ingressar num trem, ônibus ou avião e para seguir viagem. A segunda acepção, no Brasil, de uso informal é utilizada com o sentido de “deixar-se levar (por ardil)” e “cair (em logro)”, ex.: *embarcou no conto do vigário*. E é nesse sentido de “deixar-se lavar” que ela apresenta-se nessa carta do leitor. A terceira acepção (verbo intransitivo), também de uso informal é o mesmo que “morrer”.

As UPPs se tornam **máquina de opressão**

É lamentável que um dos melhores projetos da segurança pública esteja **indo pelo ralo** por omissão dos governantes. A ocupação sem tirar os criminosos das comunidades está transformando as UPPs em opressão da Polícia Militar”. > Osmar de Paiva – Duque de Caxias.

(Carta de Leitores, Conexão Leitor do Eduardo Pierre, do jornal *O Dia*. Quinta-feira, 20-03-2014).

Nessa carta há duas fraseologias. A primeira está no título, “máquina de opressão” que está relacionada aos policiais que atuam nas UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora) instaladas nas comunidades carentes, significa que esses policiais estão agredindo e desrespeitando as pessoas, ou seja, estão atuando de maneira inversa ao propósito pretendido que é o de levar segurança aos moradores. Com isso a expressão quer passar a ideia de massacre, já que a “máquina” é o engenho destinado a transformar uma forma de energia em outra e/ou utilizar essa transformação para produzir determinado efeito (HOUAISS); a segunda, *indo pelo ralo* (*ir para o ralo*) significa “desperdiçar”, “jogar fora”; “desprezar” e “abandonar”.

PAC 1, 2 e 3 é só **moeda eleitoral** para Dilma

O governo Dilma não terminou os PACs 1 e 2 e já está querendo lançar o PAC 3. Para enganar o povo, vai lançar em agosto novas obras, sem terminar as anteriores. Deveria ter uma lei que proibisse esse estelionato eleitoral.

Otávio Basile Novello – Duque de Caxias. (Carta de Leitores Conexão Leitor do Eduardo Pierre, do jornal *O Dia*. Domingo, 20-04-2014).

A locução substantiva *moeda eleitoral* está representando a palavra *escambo* (substantivo masculino que significa “troca de mercadorias ou serviços sem fazer uso de moeda” e por extensão de sentido “qualquer permuta”). O leitor critica a presidente dizendo que o PAC (Plano de Aceleração de Crescimento) serviria como instrumento de troca, ela construiria essas obras públicas visando apenas à reeleição.

Greve dos rodoviários é mais do que justa

Já se foi o tempo que sindicato era sinônimo de proteção. Hoje, contam-se nos dedos os que defendem realmente uma classe. É isso aí, rodoviários! **Peitem** o sindicato e o Rio Ônibus, vocês são mais fortes, despedir todos de uma vez não é possível. Eles vão ter que **engoli-los**. Professores, sigam esse exemplo. Lembrem-se dos garis!

Cecília Reis – Por e-mail. (Carta de Leitores Conexão Leitor do Eduardo Pierre, do jornal *O Dia*. Domingo, 18-05-2014).

Há duas expressões nessa carta: *peitem* (*peitar*, verbo transitivo direito *peito* + *-ar*, com o significado de “provocar”, “enfrentar”, “arrostar de frente, de modo destemido”); a segunda, *engoli-los*, significa “aturá-los”. Esse chavão ficou muito conhecido após o ex-jogador, ex-treinador e ex-técnico de futebol brasileiro Zagallo (Mário Lobo Zagallo) dizer: “vocês vão ter de me engolir”.

Sem bueiros, ruas de Mangaratiba ficam alagadas

Venho reclamar do problemas que nós, moradores de Mangaratiba, enfrentamos há tempos. As principais ruas e avenidas da Praia do Saco e do Ranchito não têm bueiros e escoadouros de água. Os poucos lugares que têm estão sem ralos, abertos ou entupidos. Quando chove, nós ficamos **ilhados**, e as casas alagam, gerando prejuízos. Espero que a Prefeitura de Mangaratiba responda à nossa comunidade. Afinal de contas, votamos e pagamos impostos.

Regina Celli Antônio – Mangaratiba. (Carta Branca/ Comunidade, do jornal *Extra* – Sábado, 01-03-2014).

A palavra *ilhado* não está dicionarizada, mas há o verbo transitivo direto *ilhar* com a acepção de “tornar isolado, incomu-

nicável”, e como verbo pronominal “tornar-se incomunicável”; “apartar-se, isolar-se, insular-se”, como no exemplo: “*ilham-se os morros*” (Euclides da Cunha, *Os Sertões*, p. 75). Portanto, quando o leitor diz: “Quando chove, nós ficamos *ilhados...*” ele quis dizer “... ficamos *isolados*”.

Todos os operadores do Direito “estão **carecas** de saber” que o foco principal da morosidade processual está na primeira fase. No primeiro grau, também chamado de primeira instância, é que se devem concentrar os maiores recursos financeiros e funcionais, o maior apoio territorial, administrativo e pessoal, suprimindo as varas com mais funcionários, capacitando-os com cursos e palestras, a fim de que os juízes se libertem dos problemas burocráticos. Assim, eles poderiam efetivamente ler, examinar e julgar os processos, já que toneladas de novos processos são distribuídas diariamente, sufocando os gabinetes dos juízes e os cartórios. Daí surgirem as críticas, muitas vezes por desconhecimento do sufoco em que vivem os juízes e os serventuários. Grande é a demanda, e maior ainda é o esforço daqueles que estão dentro daquelas bancas únicas

(resposta do advogado Salim Salomão/Justiça – Andamento de processo
– Sexta-feira, 28-03-2014. Carta Branca/Lei em Destaque. Jornal *Extra*)

Na expressão *estão carecas de saber*, o adjetivo e substantivo de dois gêneros “careca” é de origem desconhecida e tem a acepção como adjetivo de “desprovido de pelos, fios, vegetação etc.” (adj.) e de uso informal, “alisado, gasto pelo uso”, ex.: pneu careca. Como substantivo significa “falta de cabelos”; “calvície”; por metonímia “parte da cabeça sem cabelos”. Já a expressão “estar careca de saber” passou a significar “estar farto de”; “estar habituado a”.

5. *Considerações finais*

Sempre que percebemos uma palavra ou expressão que não seja a apropriada devemos levar em consideração a sua utilização no seu contexto comunicativo. Todos os utentes têm competência para se comunicar e usar a catacrese não quer dizer as pessoas são de intelecto inferior ou pertençam a classe social inferior. Todas as

classes, pessoas de todas as áreas do conhecimento humano e de todas as línguas utilizam-se de metáforas cristalizadas, as catacrese. O objetivo deste trabalho é dar uma contribuição à língua portuguesa. Pretendo com esta abordagem estabelecer uma correspondência entre os níveis de uso informal e formal, e também mostrar casos de catacrese que não possuem correspondência; com isso, pretendo trazer ao conhecimento de todos a possibilidade de usar as alternativas vocabulares formais. A proposta inicial ainda já está em desenvolvimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA Brasileira de Letras. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Global, 2009.

_____. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Bloch, 1981.

ARISTÓTELES (384-322 a. C.). *Arte poética*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. rev., ampl. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. São Paulo: Ática, 2004.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. 4. ed. São Paulo: Cia. Melhoramentos; Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. 8. ed. Corr.. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BEARDSLEY, Monroe C. *Aesthetics: Problems in the Philosophy of Criticism*. New York: Harcourt, Brace, and World, 1958.

BLACK, M. Metaphor. In: _____. *Models and metaphor*. Ithaca: Cornell University Press, 1962.

EXTRA. Rio de Janeiro [edições do jornal de março de 2014].

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 13. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986.

HASKELL, R. Giambattista Vico and the discovery of metaphoric cognition. In: _____. *Cognition and Symbolic Structures: The Psychology of Metaphoric Transformation*. Norwold: Ablex Publishing Corporation, 1987.

HOUAISS, Antônio. Entrevista à revista *Prodoctor*. São Paulo: Cidade Científica, 1995.

_____. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Coord. da trad.: Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Educ, 2002.

LOPES, Edward. *Da retórica à semiótica*. São Paulo: Atual, 1986.

NOGUEIRA, Sérgio. *Língua afiada: escreva bem. Fale melhor*. Rio de Janeiro: Contemporânea, [s/d.].

O Dia. Rio de Janeiro: [edições do jornal de março a junho de 2014].

ORTONY, A. *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge U. Press, 1993.

PEACHAM, Hally. *The Garden of Eloquence*. Disponível em: http://www.google.com.br/url?q=http://humanities.byu.edu/rhetoric/Primary%2520Texts/Peacham.htm&sa=U&ei=H4x_U9LHEaLFsASM2YCYBg&ved=0CCMQFjAA&sig2=P4H3Jwb49QLwgfBwwmHqjQ&usg=AFQjCNGXuEwqnZHsupK1YZFCZ5ltlyRCmHqjQ&usg=AFQjCNGXuEwqnZHsupK1YZFCZ5ltlyRCAA. Acesso em: 01-08-2014.

RIBEIRO, Manoel Pinto. *Nova gramática aplicada da língua portuguesa*. Metáfora. 13. ed. Rio de Janeiro, 2003.

RICHARDS, I. A. *The philosophy of rhetoric*. Oxford: Oxford University Press, 1936.

SARDINHA, Tony Beber. *Metáfora*. São Paulo: Parábola, 2007.